

**Nem tudo que a imprensa publica a História confirma.
A fuga de cubanos em 1963 e 2007 um espaço para debate ideológico.**

Maristel Pereira Nogueira¹

Resumo

Em 1963 durante os Jogos Universitários - Universiade 63, em Porto Alegre, ocorre a fuga de um atleta cubano. Na ocasião os jornais aproveitam o evento para demonstrar sua posição ideológica apesar de divulgarem que o esporte é apolítico. Em 2007 durante os jogos do Pan no Rio de Janeiro ocorre a fuga de atletas cubanos e a história se repete apesar de passados mais de 40 anos entre um evento e outro. Buscamos identificar diferenças e semelhanças no ocorrido e na ação da imprensa.

Palavras-chaves: história e imprensa, história e esportes, história contemporânea.

Em dois momentos esportivos importantes, o Brasil foi cenário para a fuga de atletas cubanos. Nosso objetivo é traçar um comparativo entre a fuga de 1963 e a de 2007 procurando identificar a ação dos jornais e sua intencionalidade. Neste artigo pretendemos evidenciar que, apesar de passados mais de quarenta anos em que um cubano fugiu pela primeira vez durante atividades olímpicas no Brasil; os jornais trataram à questão da mesma forma e com os mesmos preconceitos. Quando a imprensa publica que as fugas são ideológicas, temos a história que se depara com questões amorosas, financeiras para depois considerar as questões ideológicas.

A primeira fuga ocorreu em 1963, durante a Universiade (U-63) conhecida também como Jogos Mundiais Universitários de 1963, evento esportivo universitário que reuniu atletas de trinta e três países em Porto Alegre, entre agosto e setembro de 1963. A segunda fuga ocorreu em 2007, durante os jogos Pan-americanos – Pan-2007. Os Jogos Pan-americanos são uma versão dos jogos olímpicos somente para os países do continente americano.

Os jornais e os jornalistas se orgulham de serem imparciais e objetivos, divulgam isto como uma máxima a ser seguida por todos. Os profissionais de jornalismo ao ingressar numa

¹ Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista do CNPQ

organização tornam-se parte dela e reproduzem em boa parte do seu trabalho as filosofias do jornal. Nelson traquina falando da teoria organizacional trata deste tema

Breed sublinha a importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista e considera que o jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo. (Traquina, 2004, p.152)

O que Breed nos diz é que as organizações influenciam diretamente o resultado do trabalho do jornalista, ou seja, o produto final. O trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização a qual ele responde. O fator econômico é, sem dúvida, o fator mais condicionante desse processo. Neste caso o jornalismo é um negócio que visa lucro. Assim, os jornais selecionam, em grande parte, o que será publicado segundo o interesse do grupo que mantém o jornal (acionistas, proprietários, etc.) e da linha editorial. Entretanto, os jornais procuram estabelecer junto ao seu público a idéia de que eles buscam estar acima de qualquer parcialidade, pregam a máxima da objetividade. No entanto, Arbex Junior contestou esta premissa e acentuou:

Não apenas o olhar do observador é seletivo quanto ao evento presenciado, como ao relatar um evento o observador seleciona, hierarquiza, ordena as informações expostas fazendo aí interferir as suas estratégias de narração. (ARBEX Jr, 2002, p. 107)

Concordamos com o autor ao esclarecer que o jornalista também seleciona o que vai divulgar a partir do seu ponto de vista. Assim sendo na publicação de uma matéria, temos primeiramente a seleção do olhar do jornalista(pessoal, individual), e depois a seleção do jornal (empresa).

Lage (2001) ao referir-se à interação ideológica dos jornais fala-nos das novas formas de produção de informação, sendo a *imparcialidade, objetividade e veracidade* constitutivos delas:

Tal imparcialidade, objetividade e veracidade cumprem freqüentemente a função reiteradora que a opinião manifesta já não consegue suprir, apresentando como equilibradas e, portanto, naturais, as perspectivas dadas como boas, eliminando como subjetivas ou mentalistas as disposições inconvenientes de análise crítica e estabelecendo, necessariamente a priori, critérios de aferição da verdade. (LAGE, 2001, p. 34)

Assim, segundo Lage, ao dizer-se num só tempo verdadeiro, imparcial e objetivo, o jornal estaria excluindo toda e qualquer forma de opinião e criando o mito da sabedoria absoluta, do domínio do “fluxo dos acontecimentos”. Esta é a concepção mais antiga do jornalismo e ainda hoje, no mundo ocidental é defendida.

José Marques Melo (1985) destacou que a expressão opinativa também aparece nas chamadas de capa que desempenharam um papel decisivo na formação da visão de mundo do cidadão.

Entendemos que os títulos e manchetes se apresentam segundo dois tipos: a) os que emitem claramente um ponto de vista; b) os que dissimulam o conteúdo ideológico. Enquanto o primeiro tipo é peculiar aos jornais e revistas de combate, vinculados ou não a partidos políticos, o segundo tipo é constante nas publicações comerciais, aquelas que se regem pela ganância, pelo lucro, ainda que pretendam ostentar uma capa de neutralidade, imparcialidade.

E continuou

Usar ou não títulos como instrumento para manifestação explícita da opinião é uma decisão que os jornais doutrinários não titubeiam em tomar. A vacilação existe na grande imprensa, ou seja na imprensa burguesa, que converte a informação em mercadoria. Geralmente essas publicações procuram impostar uma certa imparcialidade que é superada imediatamente quando ocorrem momentos de polarização da opinião pública e o público leitor espera um posicionamento frontal da instituição jornalística que prestigia. Nessas ocasiões não há como fugir do posicionamento aberto. Nos momentos de normalidade impera, contudo uma atitude de ambigüidade, que é a de imprimir um certo sentido aos fatos, através dos seus títulos, agindo porém com cautela. (MELO, 1985, p. 69)

Analisaremos também o recurso do uso do título como forma de percepção ideológica.

Os jornais, ao noticiarem o episódio, em 1963 e em 2007 apresentaram diferentes discursos cujo objetivo implícito era defenderem publicamente suas posições políticas. Veremos como um pouco mais adiante.

Em 1963, em pleno período da Guerra fria², durante os jogos Universitários de 63, o atleta Perez Ondarse , jogador de basquete, abandona sua delegação e desaparece dirigindo-se

² Guerra de nervos provocada pela rivalidade ideológica entre capitalismo e comunismo, travada pelas duas grandes potências mundiais EUA e URSS.

para São Paulo onde pede asilo político. A Cia. Caldas Junior³, através de seus jornais, foi a primeira a publicar algo sobre a fuga em 1963. O *Correio do Povo* publicou a notícia sob o título: “*Atleta cubano abandona delegação e pede asilo*”. O jornal procurou divulgar o fato com sobriedade, sem sensacionalismo, o que era uma característica do jornal. A Cia. Caldas Junior, procurando ser fiel a sua idéia de não misturar esporte com política, preservou a *Fôlha Esportiva*, evitando veicular, na mesma, matérias cujo cunho político fosse manifesto, publicou sobre a fuga num único dia de maneira informativa. A *Fôlha da Tarde*, jornal membro do conglomerado da Cia Caldas Junior, contudo, divulgou uma matéria bem maior ocupando mais de meia página do jornal, com foto, sob o título – ‘*Atleta cubano abandona sua delegação fugindo para a liberdade no Brasil*’.

No texto desta chamada o jornalista demonstrou que este não é um caso isolado e que é bastante comum este tipo de fuga ao destacar as fugas de barco. Outro detalhe importante que constou na matéria é a descrição do jovem atleta ‘visivelmente tenso’ pelo risco de ser apanhado por seus dirigentes e ser obrigado a retornar à delegação e, conseqüentemente, a Cuba. O jornalista procurou enfatizar que o atleta estava reticente em suas declarações, pois tinha pessoas queridas em Cuba que poderiam ser afetadas pelas suas declarações. O texto jornalístico, neste caso, está bem construído, no sentido de direcionar o leitor a se posicionar favoravelmente ao atleta e contrário ao regime cubano sem explicitar com veemência a posição política anticastrista, tomando “ares” de imparcial, uma vez que, de acordo com a forma como foi redigido, sugeriu que o repórter fez perguntas sem – aparentemente – esperar respostas e isentou-se de dar opinião por ser uma notícia e não uma reportagem.

A partir do “furo” dos jornais da Cia. Caldas Junior, a notícia da fuga do atleta cubano ocupou também as páginas de outros jornais. No dia 6 de setembro de 1963, o *Jornal do Dia e Diário de Notícias*, além do *Correio do Povo e Fôlha da Tarde*, publicaram notícias sobre a fuga de um atleta cubano.

Aproveitando o clima estabelecido pela matéria publicada, o *Correio do Povo* acrescentou na mesma, um pequeno texto cujo subtítulo é “Deserção também na delegação Húngara?” Este texto citou o fato de circularem “boatos” de que os atletas húngaros haviam abandonado a sua delegação, entretanto, como o jornal não havia conseguido a confirmação

³ Responsável pelos jornais *Correio do Povo, Fôlha da Tarde e Fôlha Esportiva*. (Os nomes dos jornais estão escritos mantendo-se a grafia da época)

da notícia estava “publicando com as devidas reservas”. Também informou que a Secretaria do Interior e Justiça não havia recebido nenhum pedido de asilo político e que o seu titular somente havia tomado conhecimento do caso pela imprensa. Observemos que o jornal ressaltou seu compromisso com a verdade (*veracidade*) ao publicar que o boato não pôde ser confirmado e reforçou a postura de imparcialidade. Contudo, a publicação do “boato”, ainda que identificado como “suspeita”, tem efeitos simbólicos importantes para o leitor, que vive no início dos anos sessenta, em plena Guerra fria. Ele percebeu estes conceitos de forma inconsciente na leitura do texto e pode se identificar, acolhendo a ideologia que o texto passa. Desta forma, é possível inferir sobre a publicação que o jornal, além de informar o fato de o cubano ter abandonado sua delegação, estabeleceu uma ligação entre a fuga do cubano e o boato não confirmado de fuga dos húngaros. Denota então, que o jornal estaria induzindo o leitor a pensar em fuga generalizada de comunistas, levando o leitor a ignorar o fato de esta fuga não ter sido provocada por um fator não político, e sim amoroso, de ter fugido apenas um atleta, e não toda a delegação cubana, ou todos os atletas de regimes comunistas. Com isso, o jornal deslocou o foco da fuga por amor para fuga do comunismo. Tal deslocamento pode ser considerado como uma questão ideológica por configurar claramente uma manipulação da informação. A idéia implícita contida nestas notícias é que, se o comunismo fosse algo bom, ninguém fugiria. Assim, uma vez estabelecidas a identificação e aceitação do leitor com o jornal, é possível inferir que o jornal alcançaria o objetivo de fixar o seu conceito ideológico contra o comunismo junto aos seus leitores. O jornal, também aproveitou para informar que são esperadas outras fugas. Assim, podemos observar o esforço do jornal em demonstrar que todos os atletas da ‘cortina de ferro’ fugiriam se tivessem oportunidade.

A matéria seguinte colocada sob esta notícia é: “Henrique *Halpern* veta foto de cubano armado.”. A notícia de armas na Vila Olímpica é algo grave, afinal, se os atletas estavam em confraternização, como poderiam andar armados? É possível deduzir que esta idéia poderia levar a população a ficar temerosa frente aos atletas cubanos. O que nos ocorre é a instalação do medo dos comunistas.

O *Jornal do Dia* publicou, pela primeira vez sobre a fuga, em sua edição do dia 7 de setembro na capa do jornal, em letras grandes e em negrito. Estampou as seguintes chamadas:

VILA OLÍMPICA FOI INTERDITADA A IMPRENSA ENQUANTO
AUMENTOU A VIGILÂNCIA PARA EVITAR FUGAS.

Mais cubanos deverão fugir
Húngaros também querem a liberdade
DOPS revista cubanos em ‘vigilância especial’
Trezentos mil por uma foto
Marilu impedida de falar
‘Quem portar armas será preso em flagrante’⁴

Constatamos que o *Jornal do Dia* se enquadrou na definição de um jornal burguês que se posicionou diante da polarização conforme Melo (1985) ⁵. É interessante notar que a chamada de capa estabelece o sentido de um clima de fuga generalizada de atletas, informações desencontradas, etc. Outro dado importante que deve ser observado, é que esta estrutura de chamada está inscrita em um dia importante aos brasileiros – 7 de setembro, data da independência do Brasil. Essa data foi mencionada nos jornais, mas não obteve o mesmo destaque que a fuga do atleta.

O *Jornal do Dia*, em suas chamadas de capa pretendia dar uma idéia geral dos fatos referentes à fuga do atleta cubano. O leitor desse jornal poderia ter uma idéia do que estava ocorrendo, apenas com a leitura das manchetes. O jornal passou a imagem de caos instalado, reforçado pela afirmação de que o DOPS revistou cubanos para apreender armas. Divulgou que houve a necessidade de vigilância especial sobre os cubanos que não fugiram; que os húngaros também queriam a liberdade, e que existiu necessidade de repressão e que um dirigente cubano estava desaparecido. Podemos deduzir de tais afirmações que os atletas dos países comunistas estão desesperados para fugir, de tal maneira, que é necessário usar armas para impedi-los e, nesse caso, o DOPS precisaria intervir, pois, não é permitido aos estrangeiros usarem armas no Brasil, sem a devida autorização. A manchete de um jornal pode estabelecer um clima de tensão e, nos indicar o tom que será dado às notícias no interior do mesmo.

Reforçando as matérias publicadas no dia 7 de setembro sobre armas, o *Diário de Notícias* publicou uma notícia cujo título é: *CUBANOS ARMADOS NA VILA OLÍMPICA*.

ARMAS NA VILA OLÍMPICA

⁴ *Jornal do Dia*, 7 de setembro de 1963, capa

⁵ Op. Cit.

A delegacia de Ordem Pública e Social já tem a confirmação de que a delegação fidelista possui armas. Uma fotografia em poder da polícia comprova isto. Entretanto, as autoridades policiais mantêm absoluta discrição, certamente procurando evitar um clima de constrangimento, em se tratando de uma competição das características da Universidade.

A mesma atitude vem mantendo o Comitê Executivo, inclusive procurando resguardar a Vila Olímpica da observação dos jornalistas.(...)⁶

Como é possível perceber, o *Diário de Notícias* também divulgou a notícia de armas na Vila Olímpica, tendo por prova disso a foto oferecida ao DOPS. Nesta situação onde diversos jornais no mesmo dia publicaram matérias, afirmando a existência de armas na Vila Olímpica, seria possível supor que o leitor estaria receptivo diante de tanta informação semelhante e, pelo fato de poder comprovar visualmente a verdade dos acontecimentos, havia a foto de uma arma.

Apresentando a prova da existência de armas na Vila Olímpica, a *Fôlha da Tarde* publicou na capa do jornal uma foto que ocupou metade da capa, onde aparecem Henrique Halpern e Carlos Alberto Giulian, membros do Comitê organizador da Universidade, e um dirigente cubano com a coroa de um revólver aparecendo na cintura.

Na leitura da legenda observamos que a foto foi obtida na chegada dos atletas a Porto Alegre em 28 de agosto. Neste caso devemos perguntar por que o fato não foi amplamente divulgado ou anunciado naquele momento? Tentaremos responder, afirmando que, talvez naquele momento de confraternização, com um clima de união entre os povos, um cubano armado não fosse importante o suficiente para merecer uma publicação. Diante do ocorrido, podemos fazer um exercício de imaginação e pensar que os responsáveis pela Universidade poderiam ter solicitado ao dirigente que não usasse sua arma, ou que a entregasse a algum membro da segurança dos atletas. Qualquer hipótese, que possamos imaginar, seria conveniente naquele momento e os jornalistas muito provavelmente devem ter pensado o mesmo. Entretanto, a situação mudou com a fuga do atleta cubano, e a foto passou a ter uma importância maior, merecendo ser publicada na capa do jornal. De posse desses dados, é possível fazer duas afirmações: primeiro, o jornal publicou a foto pelo fato de ter sido proibida pelo Comitê Executivo da U-63 e a divulgação poderia aumentar as vendas do jornal. Segundo, isto foi feito para aumentar sua credibilidade sobre a notícia de armas na Vila

⁶ *Diário de Notícias*, 7 de setembro de 1963, p. 3, 1º caderno

Olímpica, e aumentar as tensões junto à população porto-alegrense, estabelecendo e reforçando o medo dos comunistas. É possível inferir que, de um modo geral, a população não deve ter se perguntado por que a foto não foi publicada antes, mas, deve ter aceitado a mesma como evidência clara da existência de armas (não apenas aquela arma, mas, várias armas) na Vila Olímpica.

O jornal *Ultima Hora*, diante das notícias que envolviam a fuga do atleta, tomou uma atitude de contestação e publicou no dia 7, na coluna de Mário de Almeida, uma crítica ácida a estas notícias:

A BARRIGA⁷

A Vila Olímpica esteve agitada, no dia de ontem, quando diversas delegações, em defesa de Cuba, tentaram receber explicações sobre a revista de bagagem que teria sido efetuada pela DOPS e culminado, inclusive, com apreensão de armas. Diversas delegações foram enviar seus protestos, em termos violentos, julgando-se, justamente feridas em seu brio e dignidade. Não foi difícil aos responsáveis apresentarem as justificativas pedidas, ou seja, que a Universidade não pode se responsabilizar por notícias publicadas pela imprensa, principalmente, como foi o caso, quando elas carecem, totalmente de fundamento. Parece que diversas delegações estudam a forma de um desmentido oficial, o que seria bom. A delegação cubana, inclusive, foi por diversas vezes, obrigada a desmentir a notícia, para a tranqüilidade de toda a família universitária mundial. Parabéns aos campeões da notícia, digo, 'barriga'.⁸

O dia 7 de setembro de 1963 foi um dia atípico em Porto Alegre, se por um lado comemorava-se a Independência do Brasil, de outro, os jornais estavam preocupados em divulgar as conseqüências da fuga do atleta. A exceção na ótica da análise foi o jornal *Ultima Hora*, que nos pareceu preocupado em esclarecer as notícias que, segundo o mesmo jornal, eram falsas. De acordo com o colunista, os 'campeões da barriga' estavam criando problemas junto à Vila Olímpica divulgando notícias sem fundamento. De qualquer maneira, os jornais estavam discutindo, de um lado as acusações sobre porte de armas e a construção do medo dos comunistas e, de outro, a explicação sobre os exageros e falsas notícias, procurando desconstruir as mesmas e desacreditar os jornais.

⁷ Barriga: Notícia falsa, sem base, resultante de informação sem fundamento, inidônea. (BAHIA, 1967, p. 198)

⁸ Jornal *Última Hora*, Coluna Sem Censura de Mário de Almeida, Porto Alegre, 7 de setembro de 1963, p.3.

O *Ultima Hora* na edição do dia 9 de setembro, apregou na coluna de Mario de Almeida novas “barrigas”

Algumas

‘Barrigas’ vão ficar célebres na cobertura da Universíade: uma delas, sábado, quando alguns jornais falavam em um dirigente desaparecido, outro publicava entrevista (com fotos) com o mesmo sobre o jogo de basquete Brasil X Cuba.

Outra

‘Barriga’ não menos comentada: a ‘voz da América’ divulgava duas horas antes que uma emissora local divulgou a propalada notícia de desarmamento de atletas cubanos. Houve aí um fato pitoresco, a emissora local foi ‘furada’ pela ‘voz da América’ e ambas noticiaram um negócio que não houve. Parabéns Campeões.⁹

A *Ultima Hora* está acusando os jornais que divulgaram a notícia de desarmamento, de espalharem notícias falsas. Podemos perceber que há um esforço, por parte do periódico, em desmentir notícias, acusar a “direita”, posicionando-se claramente na contramão dos demais tablóides. Neste caso o *Última Hora* ignora a existência da foto da arma e nega veementemente a existência de qualquer arma.

Assim, podemos afirmar que houve um debate ideológico entre os jornais, de um lado, os periódicos que acusavam o comunismo e procuravam demonstrar a sua belicosidade e de outro, o Jornal *Ultima Hora*, solitário, tentando desmentir as construções feitas pelos tablóides.

Passado mais de quarenta anos e, durante os jogos Pan-Americanos de 2007, novamente ocorre à fuga de atletas cubanos. Não vivemos mais o clima de Guerra Fria dos anos sessenta, o muro de Berlim já caiu e as ameaças de bombas não pairam mais sobre nós. O mundo, com o desenvolvimento das novas tecnologias nos permite maiores acesso as informações. Agora a mídia é muito mais abrangente, os jornalistas dispõem de mais tecnologia e melhores condições de apurarem os fatos.

Em porto Alegre, os três principais jornais da cidade cobriram o fato de maneira discreta diante da cobertura feita em 1963, mas isto aconteceu devido ao fato de ter ocorrido um acidente de avião que comoveu o país inteiro, principalmente os sul-rio-grandenses

⁹ Jornal *Última Hora*, Coluna Sem Censura de Mário de Almeida, Porto Alegre, 9 de setembro de 1963, p.3

porque a maior parte dos passageiros mortos eram gaúchos ou moravam no Rio Grande do Sul. Este fato chocou a população e comoveu a todos. No entanto as matérias publicadas demonstraram claramente a postura de cada jornal. Em 2007 quatro atletas deixaram a delegação cubana, dois pugilistas, um jogador de handebol e um treinador da equipe da ginástica.

O Jornal *Zero Hora* publicou uma matéria cujo título é: “*No apagar das luzes saída à Cubana*”, e sub-título “*Delegação deixou o Rio na madrugada e causou surpresa.*” Lembremos aqui o que foi tratado no início deste artigo sobre chamadas de notícias, a importância do título. No corpo da matéria o jornalista afirma que o jantar da equipe de vôlei foi interrompido com a ordem de partir imediatamente e que o primeiro vôo decolou às 21hs e o segundo as 23hs. Observemos que o subtítulo fala em “*partida na madrugada*” e no corpo da matéria o horário informado pelo próprio jornal não corresponde ao afirmado. O que ocorreu neste caso é que para dar mais ênfase à idéia de fuga inesperada, algo repentino, foi necessário este “pequeno exagero”, e neste caso a constituição clara de uma idéia.

O jornalista sabe que muitas vezes o leitor primeiro faz um passar de olhos sobre as notícias lendo apenas os títulos e subtítulos para, posteriormente, ler apenas as matérias que mais lhe chamam a atenção. Ainda nesta matéria o jornalista afirma o seguinte:

Cerca de 200 cubanos partiram às pressas, na noite de sábado. Alguns até esqueceram de colocar as malas nos dois caminhões que transportaram as bagagens da delegação para o aeroporto.

Restaram alguns para a cerimônia de encerramento e para a última prova de que o país participaria a maratona masculina. Esses decerto de toda a confiança. O maratonista que ficou no Rio, Norbert Curbeco, desfilava pelo aterro do Flamengo com uma foto que tirou com Fidel em junho de 2006.

- eles não fugiram. Isso já estava previsto - Garantiu Norbert, que não conseguiu completar os 42 quilômetros do trajeto.¹⁰

A notícia é altamente tendenciosa, no corpo da matéria o jornalista usa um termo irônico “Esses decerto de toda a confiança”, ao se referir aos atletas que permanecerão nos jogos. São atletas de toda confiança de quem? Fidel Castro? Com esta frase ele insinua que ficaram apenas aqueles que não fugiriam que os demais poderiam fugir, com isto reforça a idéia de fuga do regime comunista, da falta de liberdade que o jornal quer construir.

¹⁰ Jornal *Zero Hora*, 30 de setembro de 2007, p8, cadernos do Pan.

O repórter ao pretender passar a idéia da fuga em massa ignora, deliberadamente, a informação do atleta de que esta volta já estaria planejada. Esta informação é confirmada pela página na internet da empresa jornalística – Clicrbs¹¹, pertencente ao mesmo grupo jornalístico que o jornal *Zero Hora*, do dia anterior 29/07 às 16h38min afirmando que a ODEPA já havia autorizado este retorno com a devida antecedência. Podemos supor que o jornalista não lê as notícias da empresa onde trabalha ou deliberadamente ignorou esta informação. Neste caso podemos inferir que o interesse deste profissional seria o de construir ou reforçar uma idéia pré-concebida.

O jornal *Zero Hora* publicou uma matéria onde um *ex-atleta* cubano é entrevistado e fala das dificuldades da Cuba, porque saiu da ilha e quais suas dificuldades. Apesar, das perguntas, do repórter, estarem dirigidas para uma declaração ideológica do atleta, ele não consegue obter tais declarações. O entrevistado deixa claro que as questões econômicas estão a frente das ideológicas. Em 29/07 o jornal *Zero Hora* publica uma notícia de página inteira com uma enorme foto de um pugilista cubano. O Lide¹² desta matéria fala de um jornal canadense que em 1999 durante os jogos de Winnipeg irritou Fidel fazendo um “bolão” para saber quantos seriam os desertores de Cuba. O jornalista sugere que os brasileiros façam as suas apostas porque quatro atletas já usaram o país para largar a ilha. Como podemos perceber o jornal *Zero Hora*, insiste no posicionamento ideológico claro, definido, sugestivo ao seu leitor. Ele é abertamente contra Fidel Castro e seu regime de governo, não esconde esta postura nem tenta usar dos subterfúgios de objetividade e imparcialidade. O jornal ignora deliberadamente as questões econômicas envolvidas em muitas das deserções.

O jornal *Correio do Povo* por sua vez tentou manter-se mais neutro e no meio de uma matéria sobre o encerramento dos pan-americanos de 2007 dedicou um pequeno parágrafo sobre o tema que reproduzo abaixo:

Os cubanos estavam representados por 27 atletas e 15 dirigentes. Na véspera, um boato de que parte do grupo estava disposto a desertar fez com que o governo de Fidel Castro supostamente tivesse ordenado o retorno

¹¹ <http://www.clicrbs.com.br/rio2007/jsp/default.jsp?newsID=a1580017.htm&template=3810.dwt§ion=Not%EDcias>

¹² Lide, ou lead Abertura de texto jornalístico, na qual se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial, o clímax da história. Resumo inicial constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto. O lide torna possível, Ao leitor que dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo. (Barbosa, 1950, p. 427)

imediatamente, o que causou, por exemplo, a ausência de Cuba para receber a medalha de bronze no vôlei masculino.¹³

O jornal também se posiciona, contudo parece menos preocupado em atacar. O mesmo não ocorrendo em matérias assinadas. O jornalista Hilton Mombach que assina uma coluna na página de esportes faz questão de colocar a questão cubana em pauta, lembra que Cuba teve uma redução de 19% em seu quadro de medalhas desde o último Pan, fala da saída dos atletas que deixaram os móveis danificados na Vila olímpica e ironiza a fuga dos cubanos levantando questões para Fidel Castro. Ora, este profissional arquiteta uma imagem com a sua coluna, primeiro chama a atenção para a queda na produtividade de medalhas, ou seja, Cuba já não é a mesma, posteriormente destaca a saída, deixando um rastro de móveis destruídos transmitindo uma imagem de fuga as pressas, aos tropeções, etc. a ponto de destruir móveis. Por último ironiza Fidel Castro lembrando que os alemães não roubaram os talentos de Cuba e que não consta em lugar nenhum que os boxadores tenham sido seqüestrados, fica entendido, neste momento a questão econômica já citada por outro atleta.

O Jornal *O sul*, busca uma posição mais ao lado do jornal *Zero Hora*, em 30 de junho o título da matéria que ocupa a página inteira do jornal é: “*Temendo uma deserção em massa no Pan, delegação cubana retorna antes a Havana.*” Nesta matéria o jornal fala da ausência dos atletas do vôlei na entrega de medalhas, que seis ônibus levaram 200 atletas até o aeroporto Tom Jobim para retornarem a Cuba a mando de Raul Castro, irmão de Fidel Castro interinamente no cargo, em função de um boato de fuga em massa. Segundo o jornal apenas 50 atletas participaram do encerramento dos jogos pan-americanos. Também aproveita para citar os nomes dos atletas que deixaram a delegação e falar dos comentários de Fidel Castro sobre o caso.

Podemos concluir que mesmo passados mais de quarenta anos da primeira fuga de um atleta cubano no Brasil, nada mudou, ainda estão vivas as memórias da Guerra fria, ainda fervem nas veias dos jornalistas a avidez em desmoralizar o inimigo vermelho. O monstro de sete cabeças não desapareceu com o fim da guerra fria, de nada adianta saber que estes países estão sem condições financeiras de travar qualquer guerra e muito menos a ideológica.

¹³ Jornal *Correio do Povo*, 30 de julho de 2007, p.21.

BIBLIOGRAFIA:

ARBEX JUNIOR, José. *Showrnlismo a notícia como espetáculo* – São Paulo: Casa Amarela, 2^a ed., 2002 .

BAHIA, Juarez. *Jornal História e Técnica*. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1967.

BARBOSA, Gustavo, Carlos Alberto Rabaça. *Dicionário de Comunicação- 2ed. Ver. E atualizada* – Rio de Janeiro: Campus, 2001.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001. 3^a Edição.

MELO, José Marques. *A opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

TRAQUINA, Nelson . *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Vol 1, Florianópolis: Insular, 2004.